

‘O morro está na calmaria’: Mídia impressa e o repertório da paz no contexto da pacificação

Lia de Mattos Rocha

Professora da Uerj

Luís Claudio Palermo

Doutorando da Uerj

O artigo discute, usando matérias do jornal *O Globo* publicadas entre novembro de 2008 e fevereiro de 2009, que significados o termo “paz” e seus correlatos adquirem no contexto da instalação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs) em duas favelas cariocas. Objetivamos compreender como se reestrutura a “gramática da violência urbana”, que identificava as favelas com fontes do crime que afeta a cidade, a partir da incorporação do que chamamos de “repertório da paz”, que representa as favelas como lugares “tranquilos” ou “em paz”. Discutimos ainda como tal modificação semântica conforma os sentidos atribuídos ao atual projeto de “pacificação”.

Palavras-chave: violência urbana, segregação, mídia, favelas, pacificação

The article ‘**All Quiet in the Slum: Printed Press and the Repertoire of Peace in the Context Of Pacification**’ uses newspaper articles published in *O Globo* between November 2008 and February 2009 to discuss the meanings acquired by the word “peace” and associated terms in the context of the implementation of Pacification Police Units (UPPs) in two Rio de Janeiro favelas. We aim to understand how the “grammar of urban violence”, in which favelas are identified as sources of crime that affects the city, is restructured by incorporating what we call a “repertoire of peace”, representing favelas as “calm” or “peaceful” places. We also discuss how such a semantic modification shapes the meanings attributed to the current “pacification” project.

Keywords: urban violence, segregation, mass media, favelas, pacification

Introdução

Recebido em: 01/04/2014

Aprovado em: 18/06/2014

Em 19 de dezembro de 2008, a favela Santa Marta foi ocupada por 130 integrantes da Polícia Militar, em uma operação cujos objetivos iniciais eram “combater o tráfico e estabelecer a ordem na favela” (*O Globo*, 20/11/2008, p. 17). Essa ocupação não tinha nome ou um projeto de expansão definido. Olhando em retrospectiva, sabemos que os desdobramentos desse evento produziram o surgimento das Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), projeto que vem pautando o debate sobre as políticas de segurança pública no Rio de Janeiro, bem como a relação entre a cidade e as favelas no Rio. As discussões sobre o tema tendem a se concentrar nas avaliações sobre o impacto das UPPs na sociabilidade carioca e na rotina dos cidadãos, moradores ou não de favelas. Parte importante desse debate é travada nas páginas dos jornais, que têm dedicado cada vez mais espaço ao tema da segurança pública. Nesse sentido, são peça essencial no jogo político que aumenta o sucesso ou o fracasso da iniciativa, ajudando a compor o vocabulário acionado nessa argumentação.

Este artigo discute em que termos está estruturado o debate a respeito da segurança pública nas matérias do jornal *O Globo*¹ publicadas no período de ocupação das favelas Santa Marta e Cidade de Deus, ou seja, de novembro de 2008 até a nomeação efetiva das ocupações como UPP, em meados de fevereiro de 2009. O objetivo central é avaliar como o termo “paz” e seus correlatos² são acionados para descrever a rotina dessas favelas no começo do processo de implementação do projeto. Acreditamos que por meio da análise do material publicado é possível compreender a partir de quais categorias o programa foi tematizado, permitindo, assim, reconstruir a “gramática que organiza a percepção social e o debate público” (CEVIS, 2010)³.

No Rio de Janeiro, o termo “paz” tem sido acionado como o oposto de “violência urbana”, o que se justifica pela representação desse problema como “guerra” (LEITE, 2000). Assim, mais do que significar um estado de ausência de “violência”, a “paz” mobiliza um imaginário em torno da “cidade pacificada”, que receberá em breve importante evento, os Jogos Olímpicos de 2016. Contudo, no contexto de implantação das UPPs, a “paz” é uma categoria em disputa, podendo representar a descrição de momentos isolados no processo de execução do programa, desejos e ambições verbalizados por parte de moradores da cidade e atores públicos, ou ainda possibilitar críticas e propostas de modificações na política implementada. São esses significados que discutiremos a seguir.

1. E a ‘paz’, de repente, tomou conta da Santa Marta

Na análise das matérias ligadas à favela Santa Marta, notamos que a primeira referência ao campo semântico da “paz” (no caso, a palavra “tranquilidade”) ocorre logo no dia em que a localidade foi ocupada pelas forças policiais. Não há, em nossos registros, nenhuma menção ao termo no período entre 1º de janeiro de 2007³ e a ocupação policial, realizada em 19 de novembro de 2008. Nessa fase, prevalece a abordagem vinculada à “guerra”, à retórica do medo em relação à violência urbana, que, nessa perspectiva, se centraliza, difusa e imprecisamente, nas favelas cariocas.

1 O material empírico que subsidia este artigo foi coletado no Centro de Documentação e Informação (CDI) de *O Globo* e é composto por mais de 3 mil matérias publicadas nos jornais *O Globo* e *Extra* entre 01/01/2007 e 31/10/2011 a respeito de 22 favelas com UPPs (e mais três sem UPP, escolhidas como grupo de controle). Somente parte do material levantado é apresentado aqui. Agradecemos ao CDI pelo apoio, especialmente a Fabio Ponso, Ana Cristina Tavares, Monica Lessa e Paulo Luiz.

2 Consideramos correlatos a “paz” os termos “tranquilidade”, “calma” ou “calmaria”, tendo em vista acionarem uma semântica homóloga.

3 A data de início da coleta das matérias de jornal corresponde ao início do primeiro mandato do governador Sérgio Cabral (2007-2010), durante o qual o projeto das Unidades de Polícia Pacificadora foi implementado.

A primeira referência ao termo “tranquilidade” tem lugar a partir da ocupação da favela pelas forças policiais:

Polícia ocupa o Morro Dona Marta

PMs apreendem 10 Kg de maconha e equipamento de som de baile funk (...)

Centro e trinta PMs ocuparam ontem o Morro Dona Marta, em Botafogo, para combater o tráfico e estabelecer a ordem na favela. (...)

De acordo com o tenente-coronel [Gileade] Albuquerque, comandante do 2º BPM (Botafogo), a ordem do comando da PM é manter o morro ocupado por tempo indeterminado. Com a polícia na comunidade, explicou, equipes de fornecimento de água, energia e limpeza urbana, entre outros serviços, vão poder trabalhar com *tranquilidade*⁴ (O Globo, 20/11/2008, p. 17).

O sentido de “paz” conferido pelo termo “tranquilidade” é conduzido pela ordem do comandante da Polícia Militar de manter a localidade ocupada, evocando, a partir desse fato, a possibilidade da entrada de serviços na favela. É então a partir desse evento que a ideia passa a ser usada pelo jornal para se referir à Santa Marta.

Depois de quase duas semanas de ocupação, o editorial de *O Globo* opina acerca da “vitória” do governo sobre o tráfico de drogas, e elogia o plano de se manter a ocupação com a criação de uma Companhia de Policiamento Comunitário formada por 120 homens (O Globo, 03/12/2008, p. 6). Desde que a criação da companhia foi anunciada, o repertório sobre paz passou a figurar de maneira mais frequentemente no jornal, e a entoar novas representações acerca da localidade ocupada. Convém mencionar que, em outra matéria publicada no mesmo dia, a paz foi tematizada de outra forma, o que mostra a variedade relativa ao termo:

Sem confrontos: Comerciantes e moradores dizem que acabaram-se os tiros e roubos (...)

O vaivém despreocupado de moradores, comerciantes e motoristas, em meio ao movimento constante de carros da Polícia Militar na parte baixa do Morro Dona Marta, é um indício do clima de *tranquilidade* que tomou conta do local. Dos comerciantes da Rua São Clemente aos ambulantes e donos de

4 Todos os grifos em citações, salvo observação em contrário, são dos autores.

quiosques instalados nas ruas que levam à favela, todos são unânimes em dizer que, desde que a polícia ocupou o morro, não houve mais tiros, confrontos ou roubos nos arredores da favela (O Globo, 03/12/2008, p. 12).

O clima de “tranquilidade”, nesse caso, é referido pela possibilidade de os moradores circularem livre e despreocupadamente, haja vista haver controle da Polícia Militar, com sua presença constante na favela. O sentido do termo, nesse caso, está relacionado à circulação de pessoas. O clima de tranquilidade é acionado porque “no fim da tarde de ontem, as únicas pessoas armadas vistas no caminho percorrido pelo elevador do plano inclinado eram os policiais militares” (O Globo, 03/12/2008). Na mesma matéria, um grupo de pessoas, provavelmente moradores da Santa Marta, relata justamente que o “clima” em toda a favela era de “tranquilidade”. A matéria conduz o leitor a relacionar esse clima com a ausência de traficantes, já que logo a seguir expõe um depoimento:

Moradores relatam que a Praça Corumbá é um exemplo do que dizem os PMs, que alardeiam sua vitória sobre os bandidos.

– Há alguns meses, eu não estaria aqui conversando com você, pois havia uma “boca-de-fumo” logo adiante. Essa rua (a Rua Barão de Macaúbas) era um banheiro a céu aberto, com pessoas consumindo drogas a qualquer hora do dia e fazendo sexo à noite. Parte dos carros estacionados amanhecia com janelas quebradas. Hoje, o clima é muito melhor, pois há policiais – contou um morador da parte baixa do morro que, por medo de represálias, identificou-se apenas como Marcio Aurélio (O Globo, 03/12/2008, p. 12).

No trecho selecionado, encontramos referência a um passado violento creditado aos traficantes de drogas. Esse passado é analisado pelo morador entrevistado como algo já superado, porque “hoje, o clima é muito melhor, pois há policiais”. Há ali uma semântica da calma, da tranquilidade, muito embora, paradoxalmente, a matéria exponha que o referido informante não tenha querido se identificar por medo de represálias.

Nas matérias divulgadas nos dias posteriores, notamos que o termo “paz” e suas variantes permaneceram relacionados à possibilidade de circulação de pessoas e, por conseguinte, à “regularização” da rotina da favela. É importante destacar que, nesse contexto, a paz está ancorada, discursiva e representativamente, na presença da Polícia Militar e na ausência de traficantes de drogas, vetores que orientam a tematização da paz e são a chave para a composição de seu repertório.

No Dona Marta, o clima era de aparente *tranquilidade* ontem. Os moradores circulavam pela favela, o cheiro do churrasquinho das biroskas impregnava as ruas, o bate-papo em banquinhos na calçada e até a entrada de estranhos à comunidade transcorriam normalmente. As “bocas-de-fumo” continuavam fechadas, segundo moradores, e nenhum traficante armado era visto nas ruelas. Um cenário bem diferente do que ocorria antes da ocupação do local pela PM que foi iniciada há 14 dias (O Globo, 04/12/2008, p. 12).

Se antes foi destacado o sentido de possibilidade de circulação de moradores no “vaivém despreocupado” do dia a dia, o trecho acima mostra outro sentido: a possibilidade de circulação de qualquer pessoa, inclusive “estranhas”, “de fora”, atribuída pela matéria à ausência de traficantes armados na favela, ainda que expressões como “aparente tranquilidade” e “bocas que continuavam fechadas” indiquem tratar-se de situação instável.

É interessante sublinhar que é dado destaque ao fato de que, antes da ocupação policial, a “tranquilidade” não existia. Gradativamente, portanto, é feita a tematização da “paz” acionando um novo repertório, diferente daquele utilizado para representar a favela Santa Marta antes da “pacificação”. Nesse repertório de “paz” o morro “estar tranquilo” (ou “na calmaria”, como apresentado em outro depoimento⁵) é decorrência da presença da UPP, da ausência de traficantes e o não impedimento da circulação de moradores e de “estranhos” pelo território.

A primeira referência específica à palavra “paz” no jornal *O Globo* ocorre no contexto de inauguração do Posto de Policiamento Comunitário (PPC) no local⁶. A matéria a seguir, veiculada poucos dias após o fato, versa sobre o aquecimento do mercado imobiliário produzido no entorno da favela após

5 “O senhor pode ficar tranquilo. O morro está na calmaria. Antes, não, eu não me arriscaria. Agora, o senhor pode ir a qualquer lugar – disse um morador, ontem à tarde” (O Globo, 15/12/2008, p. 15).

6 Uma etapa importante no processo de desenvolvimento da ocupação da favela em análise foi a inauguração de um Posto de Policiamento Comunitário em 19 de dezembro de 2008, quando a ocupação completava um mês (O Globo, 22/12/2008, p. 8, 2ª edição). A instalação do posto consagraria, à época, o interesse do estado em manter a presença policial na favela. Vale destacar que nesse momento não se falava em Unidade de Polícia Pacificadora, nem se usava a expressão “pacificação” no veículo pesquisado.

a ocupação policial. Suas referências gerais se relacionam ao aumento da procura por imóveis na região e da queda no número de pedintes nos estabelecimentos comerciais na rua que dá acesso à favela, pois, segundo o tenente-coronel Gileade Albuquerque, “o Dona Marta servia como um referencial negativo em Botafogo” (O Globo, 21/12/2008, p. 17). Logo, com a presença ostensiva da polícia, a região passou, segundo se pode depreender das palavras de Albuquerque, a ser positivamente vista pelos moradores do bairro. Mas, nas palavras e percepção dos moradores da Santa Marta, cujos depoimentos são descritos na mesma matéria, a “paz” revela outros sentidos, conforme a seguir:

Diferentemente da vizinha Aparecida, que mora numa casa de alvenaria, com dois quartos, varanda e terraço, Gregória de Jesus Fraga Viana, de 70 anos, vive num barraco de madeira de um só cômodo, de cerca de quatro metros quadrados:

– Amo isso aqui. Quando tinha *tiroteio*, me escondia debaixo da cama. Hoje só quero *paz*.

A dona-de-casa Antônia Aparecida Nascimento, de 43 anos, também está feliz com as melhorias no Dona Marta. Ela e o marido estão desempregados e vivem de biscates, que rendem ao casal R\$ 150, além de receber o Bolsa Família.

– Agora, só falta arrumar um trabalho – diz ela (O Globo, 21/12/2008, p. 17).

A sensação de paz experimentada pela moradora é acionada comparativamente, ou seja, antes da ocupação policial da favela ela se sentia incomodada pelo tiroteio, o que a faz argumentar que, após a ocupação policial, ela só queria paz. Nesse sentido, o termo é usado na perspectiva da ausência de tiroteio, cuja causa principal seria a presença dos traficantes de drogas. Portanto, a matéria expõe duas visões acerca da ocupação da favela, uma de dentro e outra de fora. No que se refere ao ponto de vista de fora, são mostrados um corretor imobiliário e um comerciante que valorizam, respectivamente, o aumento do preço dos imóveis e a redução dos pedintes nas ruas do entorno, que afastavam os compradores. No tocante ao ponto de vista de dentro, mostra a percepção de moradores da Santa Marta acerca de sua rotina com a ocupação policial.

Alguns dias depois, o mesmo jornal, em editorial, afirmou que “afastado o tráfico, é todo o bairro de Botafogo que começa a se beneficiar de uma outra ecologia social, onde já é notável a diminuição de atos criminosos” (O Globo, 23/12/ 2008, p. 6). Portanto, é assim que a “paz” nos ajuda a perceber como se tematiza, em algumas situações, o lugar da favela na cidade por meio de uma “gramática da violência urbana” (MACHADO DA SILVA, 2010)⁷. Em função dessa gramática, o silêncio e o receio dos moradores das favelas em foco são tratados como secundários, subordinados à “paz” reinante na cidade parcialmente ocupada. Tal subordinação fica evidenciada, por exemplo, no artigo que relata a festa de Natal organizada pela Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos (SEASDH) para os moradores da Santa Marta, com a realização de uma peça de teatro encenada por atores conhecidos do grande público. A percepção do repórter do jornal foi de que a favela estava em aparente clima de paz (O Globo, 25/12/2008, p. 12). No entanto, destacou na matéria que

os poucos moradores que circulavam preferiam não comentar sobre as expectativas deste Natal sem tráfico, nem mesmo falar sobre os preparativos para noite.

– Não sei de nada. Na minha casa ainda nem montamos a árvore de Natal – disse um morador (O Globo, 25/12/2008, p. 12).

A matéria mostra os limites dos termos ligados à imagem da “paz” que estava sendo construída. Destacamos duas informações interessantes nesse trecho: primeiro, o pequeno número de moradores que circulavam na favela; além disso, o fato de se silenciarem diante da curiosidade do representante do jornal.

O mesmo limite pode ser visto na prática jornalística da equipe de reportagem d’O *Globo*. Embora o jornal tenha veiculado, em algumas matérias, que a favela Santa Marta desfrutava de um clima de paz, na prática, a sugestão de um repórter de passar alguns dias na localidade mostrou os limites dessa paz na retórica construída pelo jornal, pois a matéria foi considerada de risco. Por isso foram tomadas algumas medidas de segurança.

7 Para o autor (2010, p. 284), “gramática da violência urbana” é um “complexo prático-discursivo que combina o sentimento difuso de medo, uma (errônea) percepção de ‘ausência do Estado’ e demandas de mais repressão, cujo resultado mais geral é a criminalização da pobreza”. Tal enquadramento produz uma compreensão de que a violência e o crime são uma unidade a ameaçar permanentemente “a integridade física e patrimonial das pessoas”, e que se irradia para a cidade a partir dos territórios das favelas, local de atuação dos grupos armados de traficantes de drogas.

As primeiras providências para garantir a segurança da equipe – além do repórter-fotográfico Gustavo Stephan e o motorista Eliezer Pontes – foi procurar policiais militares, civis e federais para identificar possíveis riscos. Em seguida, foi montado um esquema de segurança para o caso de qualquer emergência, incluindo o uso de um carro blindado. Outra decisão: os profissionais do Globo não trabalhariam infiltrados e moradores e policiais seriam informados da presença de repórteres na comunidade (O Globo, 27/12/ 2008, p. 2).

Conforme exposto nas matérias sobre a favela Santa Marta, notamos que, nos primeiros dias da ocupação da localidade, as tematizações que figuraram na mídia analisada tiveram como eixo orientador a “paz” acionada a partir do desaparecimento dos traficantes e dos confrontos armados, fato que possibilitaria a entrada de serviços, maior circulação de pessoas, ganhos para a especulação imobiliária, melhoria para o comércio do entorno, melhoria para o turismo na favela etc. Construía-se, paulatinamente, uma retórica da “paz” em oposição à “guerra”. Por outro lado, a experiência da equipe de reportagem mostra que essa retórica, acionada pelo jornal desde a ocupação das forças policiais, em novembro de 2008, encontrava seu limite na própria prática dos jornalistas. A “paz” tão reiterada foi encarada de maneira reciosa quando da preparação para uma reportagem que exigiria a imersão do profissional no campo.

Destacamos que, mesmo antes de aparecer na mídia pesquisada a palavra “pacificação”⁸, termos ligados a “paz” figuraram com certa recorrência nas matérias de jornal, mostrando o quanto a favela, nessa perspectiva, estava sofrendo transformações e sendo tematizada como um local diferente em relação às outras. Logo, antes mesmo de se acionar os termos “pacificação” ou “Unidade de Polícia Pacificadora”, a ocupação da favela colocou em evidência alguns sentidos de “paz”, e o jornal examinado passou a fornecer mais espaço ao repertório da “paz” em suas edições, de modo que conseguimos identificar pelo menos dez citações do final de novembro de 2008 até o final de dezembro do mesmo ano. Convém reiterar que antes da ocupação policial nenhuma menção a paz havia sido feita.

8 O termo “pacificação” aparece pela primeira vez nas matérias do jornal *O Globo* a respeito do Morro Dona Marta em 09/10/2009 e sobre Cidade de Deus em 22 de maio do mesmo ano. “Polícia Pacificadora”, por sua vez, aparece antes de “pacificação” (04/06/2009 para a Santa Marta e 17/02/2009 para a Cidade de Deus).

2. A ‘paz’ ameaçada na Cidade de Deus

A Cidade de Deus foi ocupada pela Polícia Militar em 11/11/2008, em uma operação intitulada “A Cidade de Deus é de Deus”. Inicialmente, 150 policiais participaram da ação, que tinha previsão de durar um ano. À época, o objetivo declarado da empreitada era “reprimir o tráfico, os roubos de carros, os assaltos a transeuntes e em ônibus” (O Globo, 12/11/2008, p. 17).

Diferentemente da favela Santa Marta, sobre a qual o primeiro uso de um termo relacionado a “paz” ocorreu logo no primeiro dia da ocupação policial, na Cidade de Deus a primeira menção foi feita apenas quando a ocupação já tinha mais de um mês. O primeiro ponto que explicita a diferença é: o governo do estado do Rio de Janeiro, pelo menos a princípio, não revelava os mesmos objetivos nas ocupações das duas favelas. Enquanto na Santa Marta visava-se executar uma “nova” forma de policiamento de proximidade, na Cidade de Deus a ocupação inicialmente tinha apenas a finalidade de combater o tráfico de drogas e as atividades ilícitas no local. O jornal *O Globo* expôs declaração do secretário de estado de Segurança, José Mariano Beltrame, que explica a diferença entre as ocupações e mostra o lugar das favelas na gramática da violência urbana (MACHADO DA SILVA, 2010) que pautava as ações governamentais.

Embora enfatize que a ocupação do Morro Dona Marta, em Botafogo, é diferente da realizada na Cidade de Deus, o secretário de Segurança, José Mariano Beltrame, diz que as duas ações se refletiram na redução dos índices:

– *Como não se tem condições de fazer policiamento em toda Jacarepaguá, nós fomos onde a grande maioria da irradiação dos ilícitos sai, que é a Cidade de Deus. Por isso estamos permanecendo lá. Mas não podemos fazer da Cidade de Deus o que pretendemos fazer no Dona Marta. Até mesmo porque o projeto no Dona Marta não está consolidado* (O Globo, 06/12/2008, p. 39).

Os termos do campo semântico de “paz” começaram a ser usados na referida mídia após o anúncio feito pelo governo de que a Cidade de Deus estava sendo preparada para receber uma Companhia Independente de Polícia Militar, que passava a preparar a localidade para a implantação de

um modelo de policiamento similar ao que se praticava na Santa Marta. A chave de leitura da mídia acerca do ambiente da localidade se modificou exatamente depois do anúncio de que a região receberia o “inovador” modelo de policiamento de favelas que estava sendo gestado em Botafogo. Para sermos mais precisos, a primeira menção foi feita um dia antes de o jornal informar que a CIPM seria instalada na localidade, conforme trecho a seguir:

Um golpe nas finanças do tráfico: PM acaba com bailes funk e venda ilegal de gás e de TV a cabo na Cidade de Deus
Moradora há mais de 40 anos da Cidade de Deus, a aposentada Elizabeth David, de 70, abre um sorriso ao dizer que a favela está em *paz*: sem tráfico, sem tiroteios e livre do barulho dos bailes funk. Por lá, antes da ocupação da Polícia Militar, ocorrida há 41 dias, os bailes começavam na quinta-feira e só terminavam na madrugada de domingo. Segundo o comandante do 18º BPM (Jacarepaguá), tenente-coronel Luigi Gatto, a movimentação era um incentivo para a venda de drogas e bebidas alcoólicas a menores. Após impor o toque de recolher – obrigando comerciantes a fecharem as portas a partir de 1h e proibindo o serviço de mototáxi clandestino – a nova meta do comando do 18º BPM (Jacarepaguá) na Cidade de Deus tem sido acabar com os bailes, a venda clandestina de sinal de TV a cabo e internet, além do comércio de botijão de gás (O Globo, 22/12/ 2008, p. 8, 2ª edição).

Diante do contexto exposto, a primeira referência a “paz” sinalizava a importância do controle policial da favela, visando promover o fim do tráfico e dos confrontos armados. O uso do termo se relacionava à ausência do tráfico, dos tiroteios e do barulho de baile funk. Diferentemente do que ocorrera na favela Santa Marta, em que a primeira impressão relacionada ao termo se ligava à possibilidade de entrada dos serviços de infraestrutura na localidade, na Cidade de Deus o fenômeno tem sentido combativo (sem tráfico, sem tiroteios e sem baile funk), haja vista a resistência dos traficantes ter sido mais evidenciada na localidade.

A resistência dos traficantes de drogas na Cidade de Deus é um segundo fator, além do fato de as ocupações, a princípio, terem sido planejadas com ênfases distintas, o que explica as diferenças na tematização da “paz” nas duas fa-

velas. Se nenhuma notícia acerca da resistência promovida pelos traficantes de drogas havia sido publicada no primeiro mês de ocupação na Santa Marta, sobre a outra favela *O Globo* publicou matéria sobre a dificuldade encontrada pela polícia para lá atuar, uma “ameaça à paz na Cidade de Deus”:

Ainda ontem, duas equipes do Grupo de Apoio Tático percorriam as matas na área do Karatê para sufocar os bolsões de resistência que, segundo Lopes, ainda ameaçam a paz na Cidade de Deus.

– É uma área de difícil acesso, com mata muito alta e charco, o que dificulta nosso trabalho. *Eles [os traficantes] passam o dia escondidos na mata e saem à noite, bem armados* – explicou o comandante, autor do projeto, já aprovado pelo Comando Geral da PM, para a construção da Companhia Independente de Polícia Militar da Cidade de Deus. Lopes disse que está aguardando a posse do prefeito Eduardo Paes para pedir apoio para programas sociais e infraestrutura, para ajudar a manter a *tranquilidade* no local (*O Globo*, 23/12/ 2008, p. 17).

Conforme se pode observar em depoimento de integrantes da Polícia Militar, na Cidade de Deus os traficantes de drogas ofereciam resistência à ocupação, o que ajudou a pautar a semântica de “paz” nas matérias ligadas a essa região, pois contribuiu para reverberar – de forma mais contundente – os sentidos relacionados à presença policial e ao fim do controle exercido por traficantes de drogas, abrindo menos possibilidades para outros sentidos derivados, como ocorreu nas matérias sobre a Santa Marta. Conforme já dissemos, na Santa Marta, os termos relacionados a “paz” apareceram denotando, com maior frequência, um sentido ligado à possibilidade de circulação de pessoas “de dentro” e “de fora”, bem como evocando impactos positivos na região. Já na Cidade de Deus foram mais frequentes os sentidos relacionados ao fim do tráfico de drogas e à valorização da ocupação policial.

Vale destacar que a palavra “tranquilidade”, acionada na matéria, também nos ajuda a colocar em discussão uma diferença básica entre os sentidos de “paz” evocados para cada favela. Se nas matérias concernentes à Santa Marta as referências à implantação de programas sociais e de infraestrutura apareceram como consequência da ocupação, pois “com a polícia na comunidade (...), equipes de fornecimento de água,

energia e limpeza urbana, entre outros serviços, vão poder trabalhar com tranquilidade” (O Globo, 20/11/ 2008, p. 17), na Cidade de Deus esses programas sociais e de infraestrutura foram tematizados como “parceiros” da ocupação policial, como elementos importantes na “vitória” do Estado, ou seja, são propostos e requeridos “para ajudar a manter a tranquilidade no local” (O Globo, 23/12/2008, p. 17). Os exemplos mostram as diferenças e as implicações do termo em um e em outro cenário: se no Santa Marta os serviços, como direitos dos cidadãos cariocas, poderão ser executados porque há “tranquilidade”, na Cidade de Deus, diferentemente, a ênfase está na “guerra” ao tráfico de drogas local e no papel subordinado desempenhado pelos serviços nesse confronto.

No período das festas natalinas, *O Globo* veiculou matéria em que buscava mudar o tom atribuído à resistência dos traficantes. Procurou então destacar com maior intensidade o clima de “paz” na localidade, fazendo um trocadilho relacionando o nome da operação que iniciou a ocupação da Cidade de Deus e a festa de fim de ano: “Cidade (enfim) de Deus tem clima de *paz* natalina” (O Globo, 25/12/ 2008, p. 12). É usada uma grande quantidade de termos do campo semântico de “paz”, o que firma um tom “pacificador”, uma retórica da “paz” em oposição à gramática da violência urbana tão utilizada antes do anúncio da ocupação para fins de estabelecimento de um modelo “inovador” de policiamento.

Contudo, logo no dia seguinte o jornal apresentou a seguinte notícia:

Paz na Cidade de Deus acaba na noite de Natal, com duas mortes: Traficantes também teriam sequestrado outra pessoa, que está desaparecida

O clima de *paz* da véspera na Cidade de Deus não durou sequer até a noite de Natal. Mesmo com a ocupação policial na favela, na madrugada de ontem pelo menos duas pessoas foram mortas e outra está desaparecida, vítimas de traficantes que atuam no local. O comandante do 2º Comando de Policiamento de Área (Zona Oeste), coronel Paulo César Lopes, explicou que por, medida de segurança, as operações do Grupo de Apoio Tático – que estão sendo realizadas na favela para localizar os traficantes que ainda resistem – foram suspensas às 20h da véspera de Natal e só serão retomadas após as 20h do dia 26 (O Globo, 26/12/2008, p. 11).

A “paz” na localidade conviveu com a desconfiança dos moradores em relação ao controle policial e com a resistência armada dos traficantes. Daí afirmarmos que os termos ligados a “paz” foram usados de forma semanticamente menos diversificada para descrever a situação na Cidade de Deus.

3. Guerra e paz: inflexões no repertório a respeito das favelas após a ‘pacificação’.

Buscamos neste artigo demonstrar como o processo de ocupação de favelas, posteriormente denominado “pacificação”, ocorreu de formas distintas nas duas primeiras localidades ocupadas. Não foi, portanto, algo homogêneo e conduzido pelo Estado sem percalços, sem dificuldades. Nesse sentido, nem o processo de “pacificação” nem a tematização da “paz” na mídia ocorreu de forma estável.

O tema da violência urbana ocupava grande parte dos assuntos abordados nas matérias sobre a Santa Marta antes da UPP: as matérias tratavam de tiroteios, confrontos entre bandidos ou entre eles e a polícia, prisões e apreensões, operações policiais, etc. A partir da ocupação, a favela figurava no lugar central nas notícias do jornal *O Globo*. Entre os dois momentos o conteúdo veiculado sofreu mudanças, transitando da “guerra” para a “paz”.

O mesmo pode ser observado para a Cidade de Deus, mas com diferenças. Após o anúncio de que a localidade seria contemplada com o projeto de segurança pública praticado na Santa Marta, o jornal passou a valorizar a “paz”, em detrimento da “guerra”, ainda que no período analisado a localidade fosse palco de alguns confrontos entre policiais da UPP e traficantes de drogas.

Deslocar nosso olhar para a construção do processo nos faz entender que as diferenças nas rotinas das favelas hoje ocupadas – que passaram a ser abordadas pelos jornais, ainda que de forma insuficiente – não é algo novo. A comparação entre as narrativas apresentadas para os casos de Santa Marta e Cidade de Deus indica que, desde o seu começo, tal processo comportou situações divergentes que, contudo, foram abafadas em prol do discurso de êxito na “pacificação”. Se, na atualidade, o governo admite publica-

mente maiores dificuldades em decorrência da resistência dos traficantes em alguns locais⁹, percebe-se pelos registros elencados que essa situação também fez parte do início da breve história das ocupações das favelas cariocas para a instalação de UPPs. É preciso, dessa forma, compreender esse projeto também em sua heterogeneidade, não somente a partir de elementos homólogos que o caracterizam.

As referências à “paz” na Cidade de Deus foram semelhantes às da Santa Marta na medida em que apresentaram como eixo orientador o fim da presença dos traficantes e dos confrontos armados. Como mencionamos anteriormente, esse eixo funciona como base para a produção de sentidos de “paz”. Todos estes sentidos identificados na pesquisa sobre as favelas Santa Marta e Cidade de Deus tinham como ponto central a presença da polícia inibindo a ação de traficantes e prevenindo confrontos. A partir desse ponto é que os sentidos de “paz” são determinados. Eles são percebidos e tematizados de acordo com o contexto e com o ator social a acioná-los.

Logo, esse ponto central gera a paz como sinônimo da possibilidade de circulação de pessoas, paz como sinônimo de especulação imobiliária, paz como sinônimo do fim dos tiroteios etc.

Também identificamos como ponto comum entre as localidades o tratamento secundário dado pelo jornal aos conflitos e tensões nas favelas “pacificadas”, identificados nas matérias por meio da percepção dos moradores não identificados, pelo receio dos “de fora”, ou pela própria continuidade de atos violentos.

Por outro lado, identificamos distinções nos sentidos dos termos relacionados à “paz” que foram tematizados pelo jornal *O Globo* em uma e em outra favela. Apontamos duas razões básicas para isso: a forma como foram concebidas as ocupações e a resistência dos traficantes de drogas na Cidade de Deus. Essas razões produziram, sobre este local, matérias que acionavam o termo “paz” com um sentido voltado mais estritamente à presença do policiamento que controla o local e expulsa os traficantes. Na Santa Marta, por outro lado, é possível observar que os sentidos de “paz” são mais variados, incorporando valorização imobiliária, possibilidade de maiores lucros no comércio do entorno e incremento da atividade turística.

9 O secretário de Segurança do estado do Rio de Janeiro expressou essa posição em algumas declarações públicas. Ver, por exemplo “Beltrame admite dificuldade de pacificar favelas” (Veja On-Line, 03/02/2014).

Portanto, a “paz” tematizada no veículo pesquisado apresenta distinção entre as matérias produzidas para as favelas em linha de análise. Nesse sentido, identificamos que na Cidade de Deus a forma inicial de atuação do Estado e a presença e resistência do tráfico produziram um foco semântico mais concentrado na retomada do território.

Em geral, nas matérias após a implantação da UPP, o destaque está nos aspectos positivos: redução de índices de criminalidade, projetos e iniciativas públicas e privadas realizadas no local, incremento do turismo e acesso dos moradores a serviços, o que faz com que as tensões e críticas sejam tratadas como ruídos menores em um cenário “pacificado”. Assim, a centralidade da “guerra” para tematizar as favelas e seus problemas é substituída pela noção de “paz”. O contraste entre a análise da mídia com os dados etnográficos presentes em outras pesquisas (inclusive nas deste dossiê) permite refletir sobre o quanto o recorte dado pelas empresas de comunicação e seus jornalistas é sempre totalizador, não permitindo a publicização de falas apresentando as favelas seja como territórios em guerra seja como “comunidades em paz”.

Por fim, na representação das favelas pelo “repertório da paz”, a voz dos moradores está quase sempre ausente, ou pelo menos é desconsiderada, nas avaliações sobre o processo em curso. Ainda que tenham sido entrevistados em algumas das matérias, o receio demonstrado ao darem declarações ao jornal – ou até a recusa a serem entrevistados – era considerado um dado relevante na discussão sobre as mudanças no Santa Marta. Sabemos que essa recusa não significa rejeição às UPPs. Contudo, nosso argumento é que a representação da favela como local “em paz”, da forma como formatada, é compatível com o “silenciamento” da palavra de seu morador, o que indica que essa “lei do silêncio” continua vigente mesmo quando se afirma a ausência do controle do tráfico de drogas (ROCHA, 2013). Argumentamos ainda que o silêncio e a invisibilidade do morador nas representações sobre o processo de pacificação é condição de possibilidade para esses locais serem representados como lugares “em paz”, ou seja, tornando possível representá-los como lugares sem conflitos, confrontos ou tensões. “Em paz” ou em “guerra”, o lugar dos favelados nas políticas de segurança continua sendo subalterno, e o medo e o silêncio em que vivem não são impedimentos para a tranquilidade do restante da cidade “pacificada”.

Referências

- CEVIS. (2010), “Virtudes e Limites das UPPs: Uma Avaliação Socioantropológica (relatório de pesquisa para a Faperj)”. Rio de Janeiro, Coletivo de Estudos Sobre Violência e Sociabilidade (Cevis), Iesp/Uerj.
- LEITE, Márcia Pereira. (2012), “Da ‘metáfora da guerra’ ao projeto de ‘pacificação’: Favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Segurança Pública*, Vol. 6, nº 2. pp. 374-389.
- _____. (2000), “Entre o individualismo e a solidariedade: Dilemas da política e da solidariedade no Rio de Janeiro”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 15, nº 44, pp. 73-90.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio. (2010), “‘Violência urbana’, segurança pública e favelas: O caso do Rio de Janeiro atual”. *Caderno CRH*, Vol. 32, nº 59, pp. 283-300.
- ROCHA, Lia de Mattos. (2013), *Uma favela ‘diferente das outras’? Rotina, silenciamento e ação coletiva na favela do Pereirão, no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Quartet.

RESUMEN: El artículo ‘**La favela está tranquila: Medios impresos y el repertorio de la paz en el contexto de la pacificación**’ discute, usando artículos del diario *O Globo* publicados entre noviembre de 2008 y febrero de 2009, que significados el término “paz” y sus correlatos en el contexto de la instalación de Unidades de Policía Pacificadora (UPP) en dos favelas de Río. Nuestro objetivo es entender cómo se reestructura la “gramática de la violencia urbana”, que identificaba las favelas con fuentes de la delincuencia que afecta a la ciudad, a partir de la incorporación de lo que llamamos “el repertorio de la Paz”, que representa a las favelas como lugares “tranquilos” o “en paz”. Se discute todavía cómo dicha modificación semántica conforma los significados atribuidos al actual proyecto de “pacificación”.

Palabras clave: violencia urbana, segregación, medios de comunicación, favelas, pacificación

LIA DE MATTOS ROCHA (liarocha08@gmail.com) é professora do Departamento de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS) da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Uerj, Brasil) e pesquisadora do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade (Cevis), do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp), da Uerj. É doutora em sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, Brasil) e bacharel em ciências sociais pela mesma UFRJ.

LUÍS CLAUDIO PALERMO (luisclaudio72@gmail.com) é doutorando do PPCIS da Uerj e pesquisador do Cevis. É mestre pelo Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHS), da Uerj, tem especialização em sociologia urbana pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH), da Uerj, e graduação em história pela Universidade Gama Filho (UGF, Rio de Janeiro, Brasil).